

Artur, Galaaz e os cavaleiros do Graal: modelos monárquicos de soberania em Portugal nos séculos XII e XIII

Profa. Dra. Rita de Cássia Mendes Pereira

Departamento de História
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
rcmp@uesb.br

Resumo

No texto português da *Demanda do Santo Graal*, o modelo de atuação heróica de Galaaz, o herói do Graal, aparece entrelaçado com outras formas de atuação cavaleiresca e em contraposição à história do próprio Artur no ocaso do seu reinado. O conjunto dos atributos que confere a Galaaz o papel privilegiado de herói da cavalaria espiritual do Graal estava assentado sobre o modelo monárquico de soberania que, entre os séculos XII e XIII, se forma sob influência conjunta dos discursos clericais e aristocráticos sobre o poder e que se difunde em Portugal no contexto de afirmação da monarquia portuguesa.

Palavras-chave: Cavalaria, herói, monarquia portuguesa

Abstract

In the Portuguese text of *Demanda do Santo Graal*, the model of heroic performance of Galahad, the hero of the Grail, appears interwoven with other forms of knightly performance, and in contraposition to the history of Arthur in the decline of his reign. The ensemble attributes that grants Galahad the privileged role of hero of the spiritual chivalry of the Grail was grounded in the monarchic model of sovereignty that, between the 12th-13th centuries, takes shape under the joint influence of clerical and aristocratic discourses about power, and which is spread in Portugal in the context of affirmation of the Portuguese monarchy.

Keywords: Chivalry, hero, Portuguese monarchy

I. REPRESENTAÇÕES HERÓICAS E IDEAL MONÁRQUICO NA *DEMANDA DO SANTO GRAAL*

1. A Monarquia Arturiana

Reis, homens bons, cavaleiros e clérigos de toda a espécie enriquecem com suas experiências e suas aventuras o universo romanesco da *Demanda do Santo Graal*. Muitos, por suas qualidades morais e cavaleirescas, pareciam habilitados a protagonizar, na condição de heróis, uma aventura de cavalaria. Destaca-se, entre estes exemplos de boa cavalaria, aquele que, ornado com título e coroa, consagrou-se, na grande matéria bretã dentro da qual se inclui a *Demanda do Santo Graal*, como o mais importante dos monarcas: Artur.

Artur era, na *Demanda do Santo Graal*, a mais importante referência no tocante a poder e riqueza. Encontramos, no decorrer da narrativa, diversas referências ao reino arturiano como exemplo maior de riqueza e ao próprio Artur, ao seu corpo de soberano, como modelo de construção para os mais ricos e formosos objetos. No seu séquito, submetidos às suas ordens e aos seus interesses, encontram-se inúmeros cavaleiros, nobres e mesmo reis. Às demonstrações permanentes de fidelidade e obediência dos cavaleiros de sua corte, somam-se as constantes manifestações externas de reconhecimento de seu poder. Sua cavalaria é a mais respeitada e Camaalot, centro de irradiação do seu poder, era o mais importante ponto de referência para todos aqueles que saíam em busca de conhecimentos, conquistas e aventuras. É para o seu reino que acorrem os cavaleiros ignorantes de suas próprias origens, pois encontram ali conselho e acolhida: “*Beenta seja esta casa, ca nunca i vem tam desconselhado que se en conselhado nom parta*” (*A Demanda do Santo Graal*: 251, 1-2).

O mais cortês dos reis da Bretanha esforça-se por garantir, com conforto material e espiritual, a segurança de sua imensa companhia. Nas grandes festas, como no dia-a-dia, a largueza dos seus atos se manifesta na alegria do servir:

Vespera de Pinticoste foi grande gente asunada em Camaalot, assi que podera homem i veer mui gram gente, muitos cavalleiros e muitas donas mui bem guisadas. El rei, que era ende mui ledo, honrou-os muito e feze-os mui bem servir, e toda rem que entendeo, por que aquella corte seeria mais viçosa e mais leda, todo o fez fazer (*A Demanda do Santo Graal*: 1, 1-5).

Benefícios materiais de toda ordem são concedidos aos seus cavaleiros e o assento à sua Távola Redonda, privilégio a tão poucos reservado, era almejado como a maior das recompensas reservada a cavaleiro. Ali, sentado em seu alto posto, Artur impera como soberano. Dotado de força e sabedoria, Artur é um rei poderoso e virtuoso, no perfeito controle das prerrogativas do poder monárquico. Coerente com esta imagem de perfeição, ele nos aparece, também, como o mais cristão dos soberanos do Ocidente. Reproduzindo gestos pios e envolvido nas mais importantes práticas litúrgicas, ele zela com fervor pela manutenção das crenças e ritos do cristianismo. Mais que isto, tenta submeter, a todo custo, aos princípios da fé cristã, aqueles que teimam em permanecer no paganismo.

Artur tem, entre os clérigos, os seus mais importantes assessores. Por meio deles, intermediários que eram dos desígnios divinos, chegam ao rei as determinações concernentes à organização do reino e ao cumprimento de suas tarefas. Guardiões e sacralizadores das “instituições” e do “direito”, podemos encontrá-los na corte zelando

pela organização e manutenção da Mesa Redonda ou, ainda, debruçados na árdua tarefa de registrar as aventuras dos cavaleiros arturianos: “*En outro dia, aa ora de meeo dia, quando el-rei veeo da igreja e se assentou em seu paaço, veeo ante el uu dos clerigos que as venturas dos cavaleiros andantes avia d’escrever*” (*A Demanda do Santo Graal*: 244, 24-26).

Para tão alto rei como Artur, e tão bem integrado às verdades cristãs, anuncia-se como uma dádiva o desencadeamento, a partir de sua corte, das grandes aventuras do Graal. Ali, devidamente alojados em seus assentos à Távola Redonda, os cavaleiros de Artur tiveram o privilégio de assistir à primeira aparição do Graal e de participar do grande banquete servido por sua graça. Acostumados à largueza do serviço de corte arturiano, os presentes cavaleiros não puderam deixar de espantar-se com o fabuloso repasto que se fez servir com sua simples passagem pelo recinto. Aos cavaleiros de Artur, o Santo Vaso anuncia, com sua inesgotável capacidade de alimentação, a existência de um universo espiritual capaz de garantir a saciedade física e espiritual dos homens. Para desvendar os seus mistérios e experimentar novamente da refeição concedida por sua graça, eles lançaram-se então à Demanda.

A Artur, o mais venturoso dos reis, acostumado já à condição de promotor de grandes e maravilhosas aventuras acrescenta-se, agora, o privilégio de organizar a mais alta das aventuras terrenas. Ali, na sua corte, processa-se, sob a anuência dos clérigos, o juramento da demanda do Santo Graal: “*Então trouxeram o livro sobre que faziam o juramento da corte, e depois o poseram em alta seda del rei*” (*A Demanda do Santo Graal*: 24, 25-27).

As grandes aventuras que haveriam de ocorrer a partir deste momento eram a mais perfeita expressão da glória terrena do seu reino. Entretanto, um sentimento contraditório dele se apossa quando do início da demanda. À honra de organizá-la, de fornecer o corpo de cavaleiros que, com exclusividade, haveria de levá-la ao fim, misturava-se a dor da perda de sua companhia:

Assi se aqueixava e fez seu doo el rei por seus cavalleiros que se delle partiam. E tanto que foi manhã, levantou-se o mais cedo que pode, ca muito era em gram cuidado do que avia de fazer. Mas nom se levou tam cedo que ja nom achou mais de LX cavalleiros dos que aviam de ir aa demanda que vestiam ja as lorigas e que cingiam ja as espadas. E el rei, que avia gram pesar ende que nom ha homem no mundo que o poder de os saluar; e ouve-lhe de fallecer o coração com o gram pesar (*A Demanda do Santo Graal*: 24, 3-10).

Ele bem sabia que a força do reino estava na sua corte de cavaleiros, que o início da demanda sequestraria para fora de Camaalot.

E foi-se entam deitar-se em ua camara e começou a fazer maior doo do mundo e mal dizer muito Galuam, seu sobrinho, e disse que maldita fosse a ora que o vira primeiro, ca ele lhe tolhera assi toste todo-los bõos cavalleiros e todo-los bõos homens por que era mais temudo que todo-los do mundo (*A Demanda do Santo Graal*: 23-24, 30-2).

Confinado aos limites territoriais da corte, a Artur não resta senão a dor da perda de seus mais valorosos homens:

Entam disse Lançarot a el-rei: “Senhor, tornade-vos, assaz viestes comnosco”. “Se me Deos ajude”, disse el rei, “o tornar me será grave, ca

sobejamente me parto de vos da envidos; mas porque vejo ca me convenrá a fazer, tornar-me-ei” (*A Demanda do Santo Graal*: 27, 20-24).

A estabilidade do reino, antes sempre manifesta no fausto e na alegria da corte, dá lugar ao desamparo e à desilusão:

Eram todo-los de Camaalot tristes e com gram pesar que nunca aviam lidice nem entendiam se nom em chorar e em doo fazer, e [quem] entom fosse i e visse o gram doo que as donas faziam, aquelas que atendiam seus amigos que foram na Demanda, muito avia duro coração e bravo se nom ouvesse delas doo. E el-rei crecia em tam gram pesar de dia em dia, que bem quiriria seer morto (*A Demanda do Santo Graal*: 240, 8-13).

Desguarnecido de seus cavaleiros, o reino torna-se alvo fácil de invejas, cobiças, desejos de vingança. Animados pelas notícias do seu isolamento, voltam-se contra ele os poderosos sansões – “*gente poderosa de terra e de amigos. E elles desamam rei Artur tam mortalmente que se lhe podessem fazer dano e tolher-lhe o reino nunca tam grande prazer viram*” (*A Demanda do Santo Graal*: 308, 15-17) – e o lendário Rei Mars de Cornualha, que, por causa da proteção emprestada por Artur ao seu sobrinho Tristam, aguardava o momento dele vingar-se: “*que nom avia no mundo homem que elle tam mortalmente desamasse como rei Artur e ir-lhe-ia de grado a fazer mal a tal sazom se o cuidasse acabar*” (*A Demanda do Santo Graal*: 308, 11-13).

A Demanda do Santo Graal, estava escrito e anunciado, era o marco inicial de um processo de depreciação e decadência do reino arturiano. O ataque então desferido a Artur por seus inimigos era apenas a comprovação do que há muito fora profetizado. Por isso, de nada valeram as manifestações de solidariedade empenhadas pelos cavaleiros que, excluídos da mesa redonda e, por consequência, da própria demanda, serviam-lhe, ainda, de reserva, em caso de guerra iminente:

Tanto disse o cavaleiro que el-rei se confortou muito e que enviou por toda sua terra o mais prestes que pode a todos aquellos que del tinham terra que lhe viessem acorrer a tam grande coita. E elles o fezerom o mais toste que poderom, ca o amavam muito, e asuaram-se em Camaalot mais de doos mil de cavalos e darmas e doutros mui gram companha (*A Demanda do Santo Graal*: 310, 22-27).

Impotentes revelaram-se, também, as excepcionais manifestações de força pessoal de Artur que, confiado na sua própria bondade de armas, tenta solucionar, com a ajuda que lhe resta, os conflitos que solapavam as bases do reino. De nada adiantaram mesmo as incursões de cavaleiros da Távola Redonda, que alertados sobre os perigos que acometiam Rei Artur em sua corte abandonaram temporariamente a busca do Graal.

No decorrer da demanda, verifica-se o desvendamento gradual das fraquezas e contradições que se escondiam sob a imagem majestosa do reino e do seu titular. Relatos e experiências dão conta das debilidades pessoais de Artur e da tenuidade do seu reinado. O rei virtuoso a quem os clérigos cercavam como conselheiros mostrara-se, por exemplo, incapaz de desembaraçar-se do pecado da luxúria. Sobre ele pesa, até mesmo, uma acusação de incesto. Artur vai sendo revelado, pouco a pouco, como um homem dominado pelas fraquezas, incapaz de resistir às imposições da carne. Seu destino final encontra-se fortemente marcado pelos atos pecaminosos. Entretanto, ciente da responsabilidade moral de reger um reino, procura esconder-se sob uma imagem irreal de moralidade, como se deprende do seu diálogo com Artur, o pequeno:

“Filho Artur, pero eu nom quero que saibam que tu es meu filho, nom te amo eu porem menos, ca eu o leixo a dizer por nom saber o poboo meu torto e meu pecado, ca pois que Deus me scolheo por me poer em tam gram alteza, devo encobrir a todo meu poder minha catividade, qual pecador quer que eu seja.” (*A Demanda do Santo Graal*: 250, 1-5)

A escolha de Camaalot como ponto de partida para a busca do Graal era um claro indicativo da situação privilegiada do Reino de Logres e de seu dirigente em relação aos desígnios divinos e à própria história da salvação. Abrigado dentro dos seus limites jurisdicionais, o Santo Graal exercia sobre o reino uma função ordenadora e fiadora dos princípios de soberania dos quais Artur era o proprietário. Mas, ao mesmo tempo, colocava-se, em relação ao universo arturiano, como um elemento antitético, inquiridor dos seus valores. Por isso, o desvendamento dos seus mistérios e a sua exclusão dos domínios de Artur redundam no esfacelamento do reino de Logres e na suspensão da autoridade do seu titular. Os acontecimentos que se seguem à ascese do Graal, na companhia do eleito, compõem um quadro de degeneração territorial, política e moral do mundo arturiano.¹ O fim das aventuras terrenas do Santo Graal anuncia-se como um processo de superação de uma ordem temporal imperfeita, da qual o reino arturiano e o próprio Artur eram representantes.

Excluído da solução final destas aventuras, Artur vê sua participação na demanda circunscrita à função, sem dúvida essencial, de organizador da instituição a quem estava destinada a busca do Santo Graal e o desvendamento dos seus mistérios: a Távola Redonda.

2. Os heróis da Távola Redonda

O destino de solucionar as maravilhas do Graal e penetrar nos mistérios da cristandade estava fora do alcance de Artur, mas dentro dos limites de sua extensa companhia de cavaleiros. Tão alta aventura estava reservada a uma classe especial de homens que, por destino e por mérito pessoal, haviam sido elevados à glória de pertencer à Távola Redonda. Dos cento e cinquenta cavaleiros que a compõem (incluindo-se aí o próprio Artur), deveria sair o líder a quem estava reservada a honra de dirigir e concluir o árduo trabalho de encontrar o Graal e solucionar os mistérios por ele propostos. Repleta de exemplos de boa cavalaria, este conjunto privilegiado nos oferece a imagem de algumas figuras singulares que poderiam, por conta dos seus méritos cavaleirescos, se fazer heróis destas grandes aventuras.

Se tomássemos o critério da preferência e da eleição, para definir o cavaleiro a quem estava reservada esta honra maior da cavalaria, nosso olhos recairiam, naturalmente, sobre aquele para quem, desde o início do romance, está voltada uma especial atenção: Lançarot. Do texto da Demanda, emergem numerosos elogios para este que, bem instruído quanto aos pré-requisitos de uma vida cavaleiresca exemplar, ostentara durante 25 anos o título de melhor cavaleiro do mundo.

Admirado e imitado por quantos amavam a boa cavalaria, para ele dirigiam-se aqueles que almejavam, desde o momento de adubação, uma vida cavaleiresca cercada de glória. Por isso, dele, e só dele, deveria partir o ato que introduziria, no seio da cavalaria, aquele a quem estava destinada a maior das honras terrenas: a adubação do seu filho, Galaaz.

“Gallaaz”, disse Lançarot, “queredes vos seer cavalleiro?” El respondeo baldosamente: “Senhor, se prouvesse a vos, bem no querria ser, ca nom ha cousa no mundo que tanto deseje como honra de cavallaria e seer da vossa mão, ca doutro nom no querria seer, que tanto vos ouço louvar e preçar de cavallaria, que nenhuu a meu cuidar nom podia seer covardo nem mau quem vos fezessedes cavalleiro. E esto e ua das cousas do mundo que me da maior esperança de seer bõo e bõo cavalleiro” (*A Demanda do Santo Graal*: 2, 23-30).

No centro da cavalaria arturiana, Lancelote atrairia para si sentimentos de adoração e de paixão, mas também de repreensão e de inveja. Por seus méritos pessoais, torna-se o primeiro na preferência do rei. Tem, entre as suas maiores virtudes, a bondade de armas, a fidelidade às instituições fundamentais da cavalaria, a obediência absoluta aos princípios da hierarquia e da soberania. Acima de todos os limites, exhibe altivez e coragem, mas tem também por mérito a virtude da humildade:

E el rei disse a Lançarot: “Dom Lançarot, filhade esta spada, ca ella é vossa e por tistimunha de quantos aqui stam que vos teem por melhor cavalleiro do mundo.” E quando esto ouviu, ouve mui gram vergonha e respondeo: “Senhor, estes me teem pelo melhor cavalleiro do mundo; certas eu nom som que esta espada devo aver, ca mui melhor cavalleiro ca eu averá, e pesa-me, que nom som atam bõo como o que cuidades.” (*A Demanda do Santo Graal*: 7, 16-21).

Com a chegada de Galaaz ao seio da cavalaria, entretanto, a proeminência de Lançarot, há tanto tempo reconhecida, passa a ser questionada. Tornando-o cavaleiro, acabaria por designá-lo como herdeiro de suas virtudes cavaleirescas e por criar-lhe as condições para a participação vitoriosa nas aventuras do Graal.

Reconhecido até então como o melhor cavaleiro do mundo, Lançarot vivera, entretanto, sob o domínio do pecado e tem, por isso, uma participação limitada nas aventuras do Graal. Entregara-se, durante longo tempo, a uma relação adúltera com a rainha, fazendo-se perjuro e desleal em relação ao seu rei. Estabelecera, pois, obstáculos morais à plena realização de sua glória terrena. O acesso às grandes maravilhas do Graal estava, por isto, condicionado ao reconhecimento dos seus erros, ao arrependimento e à sujeição a um processo permanente e doloroso de purificação moral. Na companhia de eremitas e homens bons, Lançarot toma consciência do seu pecado:

“Ora podedes veer que sodes escarnido e que morredes a onta e a door se nam leixardes a maa vida que ata aqui mantevestes. E ajuda-vos nosso Senhor [que vos] mostrara melhor talan ca outro homem, que vos chama a si por tam fremosos milagres e por tam fremosas demonstranças.” “Verdade é”, disse Lançarot. “Pello grande amor que me ora mostrou lhe prometo que ja mais em tal vida fazer nom tornarei.” E menfestou-se logo de todos seus pecados ao homem bõo e ouvindo-o Persival (*A Demanda do Santo Graal*: 147-148, 29-1).

Decidido a abandonar a vida de pecado, parecia apto a encarnar, ainda que tardiamente, o hábito da cavalaria espiritual, a quem estava reservada a vitória nas aventuras do Graal. Nos desenvolvimentos posteriores da narrativa, encontramos-o envolvido por esta nova experiência de devoção e piedade:

Pois se confessou bem aos omees bõos e elles o castigaram muito e disseram-lhe que se leixasse e se tirasse daquel pecado e possesse toda sua fiança em [Deos] que desejavam sua honra e vinciria na demanda do Santo Graal. E el prometeo que todo o assi faria. Dessi parti-se delles e mete-se em sua demanda assi como ante. E andou muitos dias que nom achou aventura [que]. E sabede que o mais do tempo fazia orações e rogava a nosso Senhor que lhe perdoasse, ca se nom sentia de cousa algua que fizesse tanto como do pecado da rainha, ca lhe semelhava que era treedor e desleal contra el rei Artur cujo vassalo era, e lhe fezera sempre mais d'onra ca a nenhuu homem (*A Demanda do Santo Graal*: 154-155, 32-8).

Orando, martirizando-se, submetendo-se a provações, ele procura emergir do mundo do pecado para fazer-se merecedor da mais ansiada recompensa. Entretanto, como dividendos de uma vivência terrena fortemente maculada pelas imposições da carne, alcança uma vitória apenas parcial em Corberic. Permite-se-lhe atravessar as portas e penetrar no paço aventureiro:

E pois Lançarot catou bem o castelo, conoceu-o que era Corberic e agradeceu muito a nosso Senhor esta aventura, ca ben lhi semelhou que sa demanda seeria acabada ou a sa onra ou a sa desonra. Quando filhou sas armas, encomendou-se a nosso Senhor e deceu da barca e foi-se aa porta. E tanto que deceu viu a barca ir de tam de rijo como se todo-los ventos do mundo a levassem. E pois esteve tanto que a nom pode veer, foi-se pela ponte a pee e armado e entrou no castelo por ua porta pequena e foi-se ao grande paaço e nom achou ninguu que lhi ren dissesse, ca ja era mea noite passada e todos dormiam. E quando el chegou ao paço, aquele que chamam paço aventureiro, achou a porta aberta. E assinou-se e comendou-se a Deus e entrou dentro e agradeceu muito a nosso Senhor de que o levar[a i] (*A Demanda do Santo Graal*: 372-373, 31-9).

Mas recusa-se-lhe o direito de ver o Santo Vaso e de desvendar os seus mistérios:

E (Lançarot) foi-se de camara em camara ata que chegou aa camara u o Santo Graal era, e ali viu el tam gram lume como se fosse ora de meio dia. E catou a camara e via[-a] tam fremosa e tam rica que nunca viu cousa que lhe tam bem parecesse. E en meo da camara estava a tavao de prata en logar d'altar, e o Santo Graal desuso cuberto tam rica mente como era aquele dia que Josep[hes], o primeiro bispo, i cantou missa. Quando el viu o lugar u o santo vaso estava cuberto, logo soube bem que aquele era o Santo Graal e disse: “Ai Deus, como seeria ben aventurado quem podesse ora veer aquele vaso que ali esta cuberto, por que tantas grandes maravilhas averom no reino de Logres!” Entom catou de todas partes se poderia veer alguem que o destrovasse dentrar ala, ca ele queria ir atee a santa mesa, e descobriu o santo vaso por veer o que i avia. Entom ouviu ua voz que lhi disse: “Lancelote, não entres, porque a ti não é outorgado.”. Mais el era tam desejoso de veer o por que tantos homes bõos se trabalharam que se lançou dentro o mais que pode. Mas num entrou muito que sentiu muitas mãos que o filharom polo corpo e polos braços e polos cabelos e sacarom-no fora e deram com el tan grande caeda en terra que cuidou seer morto (*A Demanda do Santo Graal*: 373-374, 28-13).

Excluído Lançarot da trama final, é ainda na cavalaria arturiana que deveria ser encontrado o verdadeiro herói do Graal. Tomando-se como critério os princípios do direito natural de herança, esta atribuição poderia estar destinada a alguns cavaleiros a quem, por conta dos méritos cavaleirescos e da qualidade da ascendência, atribui-se um

papel de destaque no relato das aventuras do Graal: os cavaleiros da linhagem do Rei Artur e, nomeadamente, Galvam. Bons cavaleiros de armas, bem versados nas leis fundamentais da cavalaria, fiéis aos princípios aristocráticos de linhagem, e imbuídos mesmo de algumas práticas de piedade, Galvam, em primeiro plano, mas também Morderet, Alderete, Gaariet e Agravaim, faziam-se reconhecer como os herdeiros naturais dos princípios de soberania dos quais Artur era o proprietário. A Galvam, seu sobrinho predileto, coube, inclusive, o papel essencial de elemento desencadeador das aventuras do Graal.

Mas os sobrinhos de Artur estavam maculados em suas honras pelos constantes desvios de comportamento. Luxúria, orgulho, covardia, os desautorizavam à conquista de um destino mais valoroso. Por esta razão, ao contrário da glória, coube-lhes a desonra nas aventuras do Graal. Destratados e humilhados às portas de Corberic, nenhum caminho lhes resta, senão entregar-se definitivamente à glória passageira e inconsequente das aventuras terrestres:

“Ora me dize”, disse Galvam, “que faremos, ca me semelha que endôado seguiremos ja mais a demanda do Santo Graal, ca eu vejo bem que somos en cima da quanta onra en averemos, e poren terria por bem que nos tornassemos a Camaalot.” “Senhor”, disse el, “esto seeria nossa vergonha, ca eu vejo que nenguu dos demandadores desta demanda nom som ainda aqui, e se nos fossemos os primeiros que nos tornassemos, sempre en seeriamos viltados.” “Pois que faremos?” disse el. “Senhor”, disse Gaariet, “vaamos buscar aventuras como ante faziamos e andemos i uu ano ou dous, e quando soubermos que peça de nossos conpanheiros son na corte, entom podemos ir sen culpa” (*A Demanda do Santo Graal*: 379, 3-12).

Uma vez destituídos do direito de continuar perseguindo os objetivos traçados para a Demanda, eles devotam-se à tarefa de restaurar os limites territoriais e o domínio político do reino de Artur. Ao lado do tio, lutam pela manutenção do reino e pela exclusão, dos círculos de amizade de Artur, daqueles que enxovalhavam a imagem do rei exercendo ou acobertando atos de perjúrio e deslealdade. Entretanto, agem, na maior parte das vezes, impulsionados por interesses pessoais. Anseiam tornar-se exclusivos na preferência de Artur e apropriarem-se, ocasionalmente, dos seus territórios e dos seus poderes soberanos. Movidos por estes sentimentos e por esta disposição, dão uma contribuição decisiva para o aprofundamento da crise do mundo arturiano e para a destruição dos princípios éticos e morais que o sustentavam.

Na linha direta de ascendência do Rei Artur, encontramos ainda o seu filho, nascido da relação pecaminosa com a filha de um vassalo. A Artur, o Pequeno estava reservada uma vaga, como espectador privilegiado, na aventura final, no reino de Corberic. Ao contrário dos sobrinhos de Artur, desqualificados para esta aventura, por meio dele a linhagem real de Artur consegue uma importante participação na ceia do Graal. Nele, os princípios dinásticos somam-se às virtudes de uma vida exemplar, como garantia de um destino grandioso. Porém, na ordem hierárquica dos que vieram a participar da aventura final, o filho de Artur era apenas um entre os doze a ela destinados e estava subordinado à liderança espiritual do cavaleiro perfeito a quem esta reservado o mérito das aventuras da demanda.

Outros bons cavaleiros, muitos deles inclusive com título real, e dos quais vemos relatadas importantes qualidades, poderiam, ainda, ser tomados como aspirantes à glória de conhecer, por seus méritos cavaleirescos e suas virtudes morais, os mistérios do Graal.

Alguns, como o bom cavaleiro Erec ou o Rei Ban de Maguz, tiveram suas vidas precocemente cerceadas por mãos de cavaleiros ineptos que, desviados dos objetivos norteadores da demanda, entregavam-se à defesa exclusiva dos princípios da honra pessoal ou de linhagem. Outros, como Tristam, a despeito das boas realizações no decorrer da Demanda, foram excluídos da solução das aventuras por conta de uma vida pregressa de pecado. Para além dos feitos de armas e de um comportamento ético calcado no código de comportamento da cavalaria, exige-se, portanto, aos verdadeiros cavaleiros do Graal, uma conduta moral que extrapola as exigências da educação cavaleiresca.

3. A Cavalaria do Graal

O caráter das aventuras do Graal, e os pré-requisitos espirituais necessários aos cavaleiros que quisessem delas participar, foram explicitados, ainda na corte de Artur, logo após o juramento da demanda:

E depois que foram no paaço, cada uu dos cavalleiros foi seer com sua molher ou com sua enten[de]dor ou com sua amiga. E taes ouve i que poserom com suas amigas de as levarem. E assi fora, senam fosse i homem velho que i chegou vestido de uus panos de ordem, que disse tam alto que todos ouvirom: “Cavalleiros da Tavola Redonda, ouvide. Vos avedes jurada a demanda do Santo Graal. E Naciam, o ermitam vos envia dizer por mim que nenhuu cavalleiro desta demanda nom leve consigo dona nem donzella, senam fará pecado mortal. E nom seja tal que i entre senam for bem menfestado, ca em tam alto serviço de Deos como este nom deve entrar, senam for bem menfestado e bem comungado e limpo e purgado de todo-los cajões e de pecado mortal. Ca esta demanda nom é de taes obras [terreaes], ante é demanda das puridades e das cousas ascondidas de osso Senhor” (*A Demanda do Santo Graal*: 22, 1-14).

O privilégio do desvendamento destes mistérios estava reservado a um pequeno grupo de cavaleiros, delineado a partir de um rígido processo seletivo que os separava dos demais e os organizava internamente em uma rígida hierarquia de caráter moral. Os princípios orientadoras desta seleção e organização são assim explicados por um eremita a Galvam:

As grandes aventuras que agora aveem sam demonstranças e os grandes signaes do Santo Graal. Mas os signaes e as significanças do Santo Graal nom parecem a pecador nem a homem que é envolto nos sabores do mundo, e porem se vos nom mostram, ja ca vos sodes desleal pecador. E nom devemos cuidar que as aventuras que ora correm sam de matar cavalleiros nem outros homees. Ja desto nom veerá homem vir aventura, ante serám as cousas que se mostrarom aos homees boos significança das outras cousas. Ca as cousas celestiais sam assi escondidas, que ja mais coraçom mortal nom as poderá conhecer, se pello Santo Spiritu nom é (*A Demanda do Santo Graal*: 107-108, 26-2).

Dos pouco mais de cento e cinquenta cavaleiros arturianos lançados à demanda durante a narrativa, doze seriam selecionados para penetrar os limites de Corberic:

E pois (Paramades, Galaaz e Persival) foram desarmados en ua das camaras que i avia, virom nove cavaleiros da tavola redonda que aventura adussera i aquel dia mesmo. Uu era Boorz de Gaunes, e outro era Meliam de Dona Marcha que fezera Galaaz cavaleiro en começo de sa cavalaria.

E se vos nom falei en esta demanda de Melian, nom me ponhades culpa, ca nom leixei por nom fazer ele muitas bõas cavalarias en esta demanda, ante o leixo por meu livro nom seer grande sobejo. Mas que[m] as bondades quiser saber, no Romanço do Braado as achará. O outro avia nome Elaim o Branco, o quarto Artur o Pequeno, e o quinto Meraugis de Proleguez; e o sexto Claudim, filho de Rei Claudas, bõo cavaleiro e de bõa vida, e o seitemo Lanbeguez. Aquele cavaleiro era velho, mas muito era de santa vida. E o oitavo era Pinabel da Insua, e o nono Porsidos de Calaz (*A Demanda do Santo Graal*: 404-405, 31-10).

Na câmara iluminada onde habitava o Santo Graal, estes 12 fizeram-se espectadores e participantes das aventuras maravilhosas para cuja assistência haviam empenhado suas vidas de cavaleiros:

e pois entraram na camara e viram a mui rica tavao de prata sobre que o mui santo vaso estava, não ouve i tal que o nom conocesse que aquel era o Santo Graal, e ficaram logo os geolhos em terra tam ledos e com tam gram prazer do que viiam, que bem lhis semelhou que nunca aviam de morer. Estando eles asi en sa oraçom, virom sobo la tavo(a) de prata uu homem vestido de panos brancos, mas se(m) falha, o rostro nom lhi podiam veer, ca era de tam gram claridade que os olhos que mortaes eram nom no podiam veer, ante se envergonhavam de tal guisa que lume de cada uu nom podia catar maravilha celestial. (*A Demanda do Santo Graal*: 408, 6-15)

A participação no banquete sagrado do Graal anuncia-se, para eles, como a maior das recompensas de uma existência virtuosa:

Entom er ficaram os geolhos ante a tavao e estiverom en prezes e en oraçõs ata mea noite tam ledos que de sa ledice nom vos poderia homem mortal dizer. À ora da mea noite, pois os cavaleiros rogarom a nosso Senhor que os guiasse a saude das sas almas, disse-lhis ua voz: ‘Meus filhos, ca nom meos enteados, meos amigos, ca nom meos nimigos, saide daqui e ide u aventura vos quiser mais bem fazer. Nom vos fastedes ende afora, ca vos receberedes bõo galardom. (*A Demanda do Santo Graal*: 408-409, 33-5)

Organizados em uma rígida hierarquia de caráter moral, estes cavaleiros tinham como espelho de virtudes e de ações Galaaz, o cavaleiro perfeito, e, em um plano imediatamente inferior, Persival e Booz, igualmente bons exemplares desta cavalaria espiritual, mas levemente maculados por inadmissíveis experiências de caráter sexual.

Bom cavaleiro de armas, respeitador das leis corteses e das mais importantes instituições da cavalaria, Perceval mostra-se, no decorrer da demanda, dotado da virtude da humildade e envolvido pelas mais importantes práticas piedosas:

E en aquella demanda vos digo bem que fez mui bõa vida, ca mais stava em oraçõs e em rogos que em al, e nunca ouve i dia que nom jejunasse. E os mais dos dias comia [a] pam e agua; e nom achava ermida nem empardeado a que se não confessasse e com que nom filhasse conselho de sua alma. (*A Demanda do Santo Graal*: 125-126, 29-3)

Por seu caráter e pelas suas ações, ele afirma-se como um dos bons homens aos quais, fruto de uma existência cavaleiresca pia e virtuosa, estava destinada uma participação privilegiada na história do Santo Vaso. Mas a sua consagração à tríade do

Graal só se concretiza após uma última prova: a prova da resistência às tentações da carne. Inicialmente fragilizado pela oferta de uma vida de prazeres terrenos, ele resiste e emerge da experiência como um perfeito representante da cavalaria espiritual, só levemente maculado por inapropriado, mas fugaz, comportamento.

Uma história semelhante à de Persival define a participação e as conquistas de Booz na aventura do Graal. A causa de suas limitações é, tal como na história de Perceval, apresentada, logo no início da narrativa, como um desvio de conduta moral:

E saibam todos que este conto ouvirem, que aquel Alaim o Branco foi filho de Booz de Gaunes. E feze-o em ua filha del rei de Gram Bregonha. Pero ante que esto fosse, prometera Booz a nosso Senhor de lhe guardar sua virgindade. Mas tam toste que o ella vio, pagou-se delle desali e amou-o; e depois enganou-o por encantamento. E jouve com ella e fez [Alaim] aquella noite, que foi depois enperador de Constinopla. E se Booz britou aquello que prometeo, nom foi por seu grado, mas pello encantamento que lh[e] a donzella fez. E depois corregeo aquello que fez que todo-los dias da sua vida manteve [castidade]. (*A Demanda do Santo Graal*: 9, 19-28)

Maculado por uma única experiência de caráter sexual, Booz procura purgar-se de todo pecado. Em sua prova mais importante no decorrer da demanda, ele encontra-se diante de um importante dilema moral: atender ao pedido de socorro de seu irmão consangüíneo, perseguido por outros cavaleiros, ou, deixando-o entregue à própria força e ao auxílio divino, partir na defesa de uma donzela que ameaçada em sua integridade física e moral por cavaleiros maus, demandava por seu apelo. Escolhendo a última das alternativas – a defesa intransigente da virgindade como estado de pureza absoluta, aqui, alegoricamente representada pela donzela –, às expensas da amizade com seu irmão, logra afirmar-se como um representante da cavalaria espiritual e conquistar o acesso ao Santo vaso. Vitorioso nas aventuras no Graal, Booz é o único dos três cavaleiros a voltar a Camaalot para relatar, em atendimento ao juramento inicial da Demanda, as aventuras pelas quais passara e às quais assistira.

Para Persival, Booz e, principalmente, Galaaz, a bondade de cavalaria era o caminho necessário para a conquista da glória. As armas da cavalaria terrena estavam impregnadas em seus gestos. Prestavam-se para defini-los quanto à origem. Entretanto, eles representam o ideal de uma cavalaria renovada, plenamente espiritualizada. Às qualidades cavaleirescas, procuravam sempre somar as virtudes morais apregoadas pelos santos homens. Espelho invertido daqueles que abandonavam-se a aventuras particulares, eles preteriam a honra fugaz das conquistas terrenas em favor das exigências de uma vida interior contemplativa. Piedosos e místicos, encontravam-se dominados pelos mais importantes gestos da simbologia cristã.

Situado no vértice desta tríade, Galaaz, presta-se ao papel de modelo e de guia. Suas virtudes e suas ações colocavam-no na liderança de um grupo de cavaleiros que ansiavam, antes de tudo, a conquista da perfeição e o predestinavam, como veremos a seguir, ao mais cobiçado posto entre os homens de sua categoria: o posto de monarca.

4. Galaaz como modelo de atuação monárquica

4.1. As Qualidades Seculares

Galaaz estava destinado a ocupar um lugar de destaque no seio da cavalaria. A força da juventude fazia-o sobrepujar-se em habilidade sobre todos os outros cavaleiros.

Seus feitos de armas, em justas, torneios e batalhas, foram repetidamente relatados no decorrer da Demanda. Com uma perfeição quase inumana faz a sua primeira exibição de cavalaria na corte de Artur, durante o torneio de Pentecostes:

E Gallaaz que entrou no campo começou as lanças a britar e a dirribar cavalleiros e a fazer tantas maravilhas, que todos diziam que nunca virom tam bôo cavalleiro de justa, ca sem falha nunca el alcançava cavalleiro a dereito, ja tam ardido nom seria, que o nom metesse em terra, e fez i tanto, que todos aquelles que o virom, disserom que nunca tam altamente começara cavalleiro a dirribar cavalleiros (*A Demanda do Santo Graal*: 14, 11-17).

Apesar da tenra idade, ele fez-se reconhecer em pouco tempo como o melhor cavaleiro do mundo. Incomparável no uso das armas, sua grandeza apóia-se em algo situado além da simples destreza, adquirida no aprendizado mundano.

nom alcançava cavaleiro ja tam bem armado nom era que nom metesse em terra ou morto ou chagado a morte ou tolheito, e todos se ame(d)ravam dante el desque o conhecerom uu pouco, ca adeleve nom ouve cavaleiro no campo que em pouca dora nom visse que fazia as maiores maravilhas darmas que nunca foram feitas no regno de Logres. E outra maravilha er avia em Galaaz que dava maior espanto a seos enmigos: que ja mais nom estava em uu logar, antes o viriades ora ali ora aqui, ora longe ora perto, ora a deestro ora a seestro assi que ia cercando todas as azes tam maravilhosamente, que ardur lhe podia homem escapar (*A Demanda do Santo Graal*: 325, 14 -23).

Uma força sobre-humana projeta-o sobre os demais homens como um predestinado ao domínio sobre a cavalaria – “*leixarom-se correr a Gallaaz e quebrantaram em elle as lanças; mas da sella nom no moverom nem outro mal nom lhe fezerom, ca era de gram coração e de maior força que outro homem.*” (*A Demanda do Santo Graal*: 52, 11-14) – e, nas experiências mais desafiadoras, o faz ultrapassar os limites de ação e realização dos cavaleiros mortais:

Eram já bem XL, ca toda via creciam. Mas Galaaz que tinha a espada (da) estranha cinta feria a destro e a seestro e matava quantos alcançava e fazia taes maravilhas entre elles que nom ha homem que o visse que o tevesse por homem terreal mas por algua maravilha estranha (*A Demanda do Santo Graal*: 301, 22-26)

Incomparável no uso das armas, cobre-se, entretanto, com o manto da humildade. Recusa as honras e glórias terrenas...

As novas foram pela abadia que a aventura de Simeu era acabada e que o fogo era morto, e começaram todos a ir correndo para la se era verdade. E em quanto metiam mentes para ir para la, cavalgou Galaaz e partio-se dali, ca nom queria que lhe dessem onra polo bem que lhe Deus fezera. (*A Demanda do Santo Graal*: 319, 28-32)

e remete sempre ao auxílio divino a explicação para as suas vitórias:

(As donzelas) ficaram-se ante el en geolhos e disserom: ‘Senhor, vos sejades o bem vindo e beento seja Deus que vos aqui trouxe, ca ora

sabemos nos bem que seremos livres da gram coita e de gram lazeira en que eramos'. E ele as ergueo e disse-lhis: 'Agradece-o a nosso Senhor e a outrem nom dedes grado' (*A Demanda do Santo Graal*: 351, 24-28).

Galaaz é absolutamente fiel aos costumes da cavalaria e às suas funções, que busca divulgar por meio de atos e palavras. As noções de ética cavaleiresca orientam o seu comportamento. Entre as suas virtudes contam-se a coragem a toda prova, posta a favor da defesa das viúvas, das donzelas e da Igreja, e a lealdade em relação à instituição da cavalaria e aos seus membros. Destinado a representar a própria imagem da *juventutis*, é reconhecido, por quantos tinham a oportunidade de expressá-lo, como a representação mais perfeita do ideal de beleza:

em aquel tempo nom podia homem achar em todo o regno de Logres donzel tam fremoso nem tam bem feito, ca em todo era tal que nom podia homem achar rem em que lhe cravasse, fora que era manso sobejo em seu continente. (*A Demanda do Santo Graal*: 4, 3-6)

Como prova da sua excepcional e quase inumana perfeição, acorrem-lhe, no decorrer da aventura, as mais maravilhosas armas destinadas a cavaleiro mortal, como a espada de Merlim...

E El rei disse a Gallaaz: "Queredes sacar esta espada deste padram? ca a nom quer nenhuu provar de quantos aqui som, ca dizem que a [a]ventura nom é sua. E a provade, se vos aprouver, ca se o vos nom provades, nom acharemos cavalleiro que o prove". Entom filhou Gallaaz a espada pello mogoram e tirou-a tam ligeiramente como se nom tevesse em rem, e depois filhou a bainha e meteo-a dentro e cingeo-a logo. (*A Demanda do Santo Graal*: 13, 4-10)

o escudo maravilhoso da cruz vermelha – “o mais fremoso e o mais rico que nunca virom. E dava i tam bõ odor como se toda-llas especias do mundo i fossem” (*A Demanda do Santo Graal*: 32, 8-9) - e, finalmente, a espada da estranha cinta:

Desi (a Donzela) a Galaaz: "Decingide vossa espada e eu vos cingirei esta." E el fez assi como lhe ela mandou e ella lhe cingio logo a boa espada e disse-lhe: "Sabedes vos de qual espada vos guarni?" 'Nom', disse elle, 'se mo vos nom disserdes.' "Ora sabede", disse ella, "que eu vos guarni das estranhas correas [e da maravilhosa espada que é] a melhor nem a de maior virtude que nunca cingio cavaleiro." (*A Demanda do Santo Graal*: 289, 22-28)

Galaaz usa, entretanto, com parcimônia seus atributos cavaleirescos. Exemplo para os companheiros de armas, ele age seletivamente, buscando coibir atos de violência gratuita e recusando convites à batalha quando estas eram desprovidas de sentido. Às qualidades cavaleirescas, ao gosto pela aventura e pelas batalhas, soube mesclar a virtude da *sagesse*. Santo cavaleiro e de boa vida, a superioridade dos seus propósitos em relação aos demais cavaleiros pode ser comprovada pela anuência com que as diversas categorias de clérigos respondiam às suas ações. Conscientes de seu papel providencial, estes curvavam-se à sua grandeza, humilhavam-se e submetiam-se às provas de sua santidade. Acompanhando, na condição de testemunhas, a sua trajetória heróica, eles cumpriam o papel fundamental de instrumentos de afirmação do seu papel de eleito:

E o irmitam que sobejo amava Gallaaz, velou toda aquella noite. Nom quedou de chorar, porque viu, ca se avia de partir delle. Quando veeo a manhã, disse a Gallaaz: “Filho, cousa santa e honrada, frol e louvor de todos os meinos, outorga-me, se te praz, que te faça companhia em toda minha vida mentre te poder seguir, de que te partires da corte del rei Artur; ca eu bem sei que nom morarás i mais de uu dia, ca a demanda do Santo Graal se começará tanto que tu i chegares, e eu te demando a companhia mais ca tu. E nom sei no mundo que me tanto podesse confortar desoj mais como te veer tam santo cavaleiro como tu seeras e como tu veerás maravilhas a que darás cima [...] Eu te quero teer companhia, como sei que em nosso tempo nunca fez tam fremosos milagres nosso Senhor nem tam conhecidos como fará por ti. Esto quero eu melhor saber por veer as grandes aventuras e milagres que Deos por ti fará. E [meterei] em scrito toda-las maravilhas que Deos mostrará por teu amor” (*A Demanda do Santo Graal*: 3, 12-35).

Permanentemente instado a manter-se em confissão, ele responde com a presença constante entre os santos homens, ansiosos por ouvir os seus relatos, conhecer sua santa vida e registrá-la:

E ao terceiro dia lhe aveo que aventura o levou ao serão acas de um irmitam que o recebeo mui bem porque viu que era cavaleiro andante. E desarmou-o por folgar mais e deu-lhe pam e auga, ca al nom avia, e perguntou muito de sa fazenda e rogou-lhe por Deus que lhe dissesse em confissom por quanto passara na demanda. E Galaaz assi o fez, ca nom ha rem que encobrisse ao homem bõo, ca o amava muito. Aquel serão, pois o homem bõo scrvia quanto lhe el contou, disse-lhe: “Filho Galaaz, fremeosa creatura, bem aventurado cavaleiro, tu te partirás esta noite de mim e sei que te nom verrei por ua peça. Rogo-te por Deus que te nom squeça, ca são mui pecador” (*A Demanda do Santo Graal*: 274, 19-28).

Tal como os reis, Galaaz encontra-se próximo da categorias dos clérigos pela virtude da *sagesse*, e esta qualidade o capacita para o exercício de uma das funções essenciais da soberania monárquica: a justiça. Podemos encontrá-lo a imiscuir-se em querelas seculares...

E pois andarom ata que foi dia, Galaaz disse a seus companheiros: “Levade este conde a sa irmã”, e ensinou-lhis u era, “e rogo vos”, disse Galaaz, “que moredes tanto com ela ta que seja entregada de toda sa terra e que lhi correga a sa vontade quanto lhi errou, segundo o que ele pode e o que vos i virdes por bem” (*A Demanda do Santo Graal*: 365, 20-25).

como em questões pertinentes à justiça divina:

“Esto nom pode seer que el em esta nave que é significança da Sancta Igreja podesse entrar, ca aquel que i ha de entrar deve seer comprido de fe e de creença, e porem vos digo que este nom pode i entrar, ca nom ha consigo nem creença nem na ouve nunca, ante errou tanto que em a morte do Senhor do mundo e do(s) rei(s) dos reis se consentiu que se outrogava na gram deslealdade que i foi feita. E porem digo que em direito conselho que o leixemos aqui, ca bem cuido que esta coita que sofreu ta aqui que é por que nosso Senhor quer que seja perdido ou por vingança do gram torto que fez ao filho de Deus.” (*A Demanda do Santo Graal*: 292, 12-21)

Impiedoso em se tratando de crimes contra o cristianismo, sabe, entretanto, ser misericordioso no julgamento de crimes menores e, como convém a um indivíduo formado dentro das regras de cavalaria, sabe atender aos pedidos de misericórdia: “*Cavalleiro, vós erraste muito, mas pois me mercê pidides dou-vos por quite de meu queixume, ca a direito é que mercê ache quem mercê pede.*” (*A Demanda do Santo Graal*: 152, 7-9). Julga segundo a tradição e os costumes, mas demonstra clareza e discernimento para condenar as leis que lhe pareçam incorretas: “*Mal aja que tal custume pôs, ca tal custume sobejamente é velhaco e lixoso*” (*A Demanda do Santo Graal*: 300, 34-35).

Amparado pela força das armas e cercado pela melhor companhia, sua palavra tem força de lei. Verdadeiro soberano, aos seus pés curvavam-se escudeiros: “*E quando os três cavaleiros faziam outra choça a que se acolhessem, aquevos uu escodeiro que chegou que andava sobre uu gram rocim. E tanto que viu Galaaz, conheceu-o e ficou os geolhos ante ele e beijo[u] lhi os pees*” (*A Demanda do Santo Graal*: 360, 3-6). Os melhores dos cavaleiros almejavam estar ao seu lado: “*Cavalguemos e vaamos com el, ca se perdemos sa companhia menos ende valeremos*” (*A Demanda do Santo Graal*: 320, 5-6). Até mesmo reis submetem-se às provas da sua grandeza. A sua proeminência é reconhecida inclusive por Artur, o mais poderoso dos reis cristãos: “*Bem seja vindo o cavalleiro, ca este é o que ha de dar cima a as aventuras do Santo Graal. Nunca foi feito em esta (terra) tanta honra como lhe nos faremos*” (*A Demanda do Santo Graal*: 10, 31-33). A sua anunciada chegada e a solução por ele empregada à aventura do assento perigoso são abraçadas com regozijo pelo aventureiro rei:

El rei, tanto que vio na seeda perigosa o cavalleiro de que Merlim e todos los outros profetas fallarom na Gram (Bretanha), entam bem soube elle que aquelle era o cavaleiro por que seriam acabadas as aventuras do regno de Logres, e foi com elle tam alegre e ledó que beenzeo Deos.

Em atitude de extrema reverência, Artur busca acomodá-lo e à sua linhagem em condições que só aos reis era lícito atribuir – “*Aquella noite fez el rei Gallaaz jazer em hua sua camara u elle soia a jazer em uu leito seu, ca muito avia sabor de lhe fazer honra*” (*A Demanda do Santo Graal*: 23, 13-14) – e, em respeito à sua proeminência, confere-lhe a primazia no juramento da Demanda:

Entam enviaram pellos clerigos e trouxeram o livro sobre que faziam o juramento da corte, e depois o poseram em alta seda del rei. E el rei chamou Galaaz, porque o tinha por melhor cavalleiro de quantos i havia, e disse-lhe: “*Galaaz, vos sodes como meestre dos cavalleiros da Mesa Redonda e milhor; vinde adiante e fazedo o juramento desta demanda*” (*A Demanda do Santo Graal*: 24, 25-30)

Inversamente, defensor indelével das instituições e da ordem, Galaaz age submetido aos interesses do reino arturiano. Como aos demais cavaleiros, o reino de Artur serve-lhe de referência. Frente ao rei, ele desdobra-se em atos de reverência e mesmo de submissão. Por causa da Távola Redonda, deve-lhe obediência e fidelidade. Para a corte de Camalote, direciona os testemunhos – prisioneiros ou beneficiários – de sua saga heróica. Em suas ações, como em suas preces, verifica-se uma preocupação permanente com os destinos do reino de Logres. A salvação do reino figura como um dos seus principais objetivos, ao qual sobrepõe apenas a idéia de salvação da própria alma:

“Senhor”, disse Galaaz ao ermitam, “eu rogarei por vos ar rogade por mim asi como padre por filho que nosso Senhor me leixe fazer em esta demanda serviço que lhe praza e que me aja prol a alma e ao reino de Logres.” (*A Demanda do Santo Graal*: 274-275, 29-1).

Concebido e caracterizado com os principais atributos e qualidades relacionados às projeções ideais da realeza, Galaaz empunha a responsabilidade de garantir ou restaurar a ordem terreal ameaçada, aqui representada pelo reino arturiano:

E vos, dom Galaaz, que sodes o melhor cavaleiro do mundo e a que Deus melhor graça deu, por Deus er coitade-vos de tornardes a Camaalot, ca bem sabede que rei Artur ha mui mester de tornardes a elle. E sabe(de) que se i nom fordes que averá ende tam grande dano que nom será pois ligeiramente emendado. (*A Demanda do Santo Graal*: 304, 12-16).

Entre as suas funções, portanto, Galaaz encontra aquela que os clérigos da Idade Média atribuíram idealmente aos proprietários da soberania monárquica: a tarefa de ordenação e manutenção da ordem na sociedade temporal. Sua força e sua palavra estão permanentemente empenhadas em defesa das instituições e dos princípios monárquicos:

Aquella noite rogou Galaaz muito a nosso Senhor que possesse conselho aa coita do regno de Logres, ca bem entendia que se rei Mars podesse dar cima ao que começara que todo-los homees bõos do regno de Logres seriam escarnidos e destroidos, ca bem sabia el que em aquel tempo nom era a Santa Egreja tam honrada nem tam acabada em ua terra como na Grande Bretanha nem em todo o mundo nom avia tam bõos cavaleiros nem tantos homees bõos como i avia, e por este lhe semelhava que seria grande coita se tam avezi bõo regno e tam preçado tornasse por alguma mala ventura a destroimento e confuson (*A Demanda do Santo Graal*: 322-323, 35-9).

No discurso proferido ao desleal e traidor, Rei Mars, encontram-se clarificadas as suas convicções políticas:

Ora te podes ir quando quiseres, tu e teus homes, ca eu nom catarei aa tua traiçom mas a que nom devo meter mão em rei fora por minha vida defender ou por meu senhor terreal, ca pero tu desleal es, nom fica porem que nom sejas rei, e esto é gram vergomça de todo-los reis do mundo (*A Demanda do Santo Graal*: 335, 30-34).

Defensor indelével da monarquia, Galaaz afirma-se, no decorrer da narrativa, como um potencial merecedor do título real. A cerimônia de coroação em Sarras era a suprema confirmação de sua vocação monárquica e do seu direito sagrado à soberania.

Quando el (rei Escorante) foi morto e soterrado, os da cidade foram em gram coita porque nom sabiam quem fizessem rei, pois el filho nom avia, e falarom isto gram peça. E eles see(n)do en seu conselho, disse-lhis ua voz: “Filhade o maior dos tres cavaleiro estrangeiros, o qual vos guardará e manteerá bem em mentre for convosco.” E eles fizeram o mandado da voz, e filharom Galaaz, querendo ou nom, e fizeram-no rei e poserom-lhi coroa na cabeça, querendo ou nom e pesando-lhi muito (*A Demanda do Santo Graal*: 426-427, 25-1).

Empossado na condição de soberano, ele demonstra plena consciência daquela que era a sua missão primordial: a divulgação de um projeto de restauração edênica e a preparação moral e espiritual de sua comunidade para o fenômeno da parúsia. Encarando o efetivo exercício do poder como uma conquista provisória, limitada, incompatível com seu completo despojamento em relação aos valores mundanos, dedicou o tempo do seu reinado à manutenção do Vaso Sagrado, e, através dele, à busca permanente da salvação, da verdade e da vida eterna:

E pois foi rei, fez fazer sobe-la tavao u o santo Graal estava ua daboveda douro e de pedras preciosas tam ricas que nunca homem viu tanto. E Galaaz e os outros cada vez que se leva[vam] ian ao santo vaso e ficavam os geolhos antél e faziam sas orações e sas prezes (*A Demanda do Santo Graal*: 427, 2-6).

Instrumento ordenador e confirmador dos princípios de soberania, o Graal individualizara-o como um herói destinado à realização de um projeto monárquico. Porém, uma evidente aproximação em relação ao mundo do sagrado influenciava na definição dos seus objetivos. A Galaaz somente interessava o domínio sobre o mundo da unidade, da justiça e da igualdade primordial. Situado à margem da sociedade e, por isto mesmo, capaz de subordiná-la aos seus propósitos salvacionistas, o herói do Graal fazia entrever, na descrição das maravilhas que só a ele fora permitido visualizar, a possibilidade de acesso a um mundo paradisíaco capaz de garantir a completa satisfação das necessidades humanas. Reino da fertilidade e da abundância, este paraíso reconquistado propiciaria o restabelecimento da igualdade primitiva – uma igualdade entre eleitos, orientada por rígidas normas sociais – e a centralização da comunidade em torno do príncipe perfeito. Enfim, adivinha-se nas suas visões do Graal a existência de um universo ideal, destinado a superar, em um futuro próximo, as aglomerações caóticas do tipo arturiano, sendo que as possibilidades de acesso e conquista deste universo estaria situada em um plano de ação de ordem exclusivamente espiritual.

4.2. Os privilégios naturais do nascimento e da graça

Mesmo no final da Idade Média, toda representação do poder tinha as suas raízes assentadas no sobrenatural. Neste contexto cultural, onde as noções de sagrado e profano estavam tão indissolivelmente ligadas, os escritores de genealogias nobiliárquicas, constantemente chamados a justificar o controle do poder por uma determinada linhagem, procuravam combinar em suas obras o relato das realizações dos membros das famílias retratadas aos mitos e contos que davam conta da sobrenaturalidade inerente a estas famílias. Herdeiros e difusores desta tradição, também os escritores de romances procuraram reproduzir esta idéia de que uma eficaz conciliação entre as boas realizações e as circunstâncias especiais de nascimento habilitava seus protagonistas à condição de heróis e justificava o seu eventual acesso ao poder.

Na *Demanda do Santo Graal*, o herói destinado à solução final das aventuras, é, nesta perspectiva, aquele que consegue fazer conciliar os privilégios naturais, concedidos por graça divina, com uma estória de vida exemplar, cercada de virtudes e feitos extraordinários. Nascido de uma relação sortilêga e potencialmente adúltera entre Lancelote do Lago e a filha do Rei Pelles, Galaaz tinha uma responsabilidade redentora em relação aos seus ascendentes e em relação à cavalaria mesma, da qual o seu pai era até

então o maior representante. Pelo lado materno, Galaaz descendia dos reis de Corberic, cuja função no século era a de garantir a guarda do Graal. Últimos representantes da linhagem de Nasciam, o Eremita, esta família de reis homônimos – seu avô e seu bisavô chamam-se Pelleam – é elogiada como uma cepa de nobres cavaleiros que dedicaram suas vidas aos feitos de armas e ao serviço de Deus: “*Aquella (noite) lhe contou o ermitam a vida e o feito de seu linhagem, como eram servos de Jesu Christo e o grande amor que lhes mostrava Jesu Christo por seu serviço*” (*A Demanda do Santo Graal*: 45, 25-27).

No castelo de Corberic, o seu bisavô vivia paralisado, alimentado tão somente pelas graças do Santo Vaso. Frente a ele e às gentes do seu reino, Galaaz era a esperança de restauração da sua saúde física. Por esta razão, à margem das circunstâncias pecaminosas em que fora concebido, o seu nascimento é festejado no reino como uma dádiva divina: “*El-rei que foi tam ledo que nom poderia mais, disse: ‘Por Sancta Maria, eu o cuidei! Beento seja o Santo Spirito que nos deu tal homem em nosso linhagem’*” (*A Demanda do Santo Graal*: 271, 1-4).

Do lado paterno, Galaaz estava filiado, por consangüinidade, à temida e admirada linhagem do rei Bam. De Lançarot do Lago, seu pai e melhor representante desta ilustre linhagem, herdara a destreza nos feitos de cavalaria e o tão cobiçado título de melhor cavaleiro do mundo. Mas a sua proeminência, estava assentada, antes de tudo, sobre um ato de outorga divina:

Nom sei no mundo que me tanto podesse confortar desoj mais como te veer tam santo cavalleiro como tu seeras e como tu veerás maravilhas a que darás cima; ca Deos que te fez nascer em tal pecado, como tu sabes, por mostrar seu gram poder, essa gram virtude te outorgou por sua piedade e pela bõa que tu começaste de tua menenice ata aqui que te dará poder e força e bondade darmas e dardimento sobre todo-los cavalleiros que nunca trouxeram armas no reino de Logres, assi que tu darás cima a toda-las outras maravilhas e aventuras u todo-los outros fallecer(o)m e fallecerám (*A Demanda do Santo Graal*: 3, 20-28)

Equipado com as armas que a aventura pudera lhe propiciar, ele dedicou-se a solucionar os mistérios e as maravilhas do Reino de Logres. Soberbo de vitórias, individualizou-se no seio da cavalaria arturiana. Mas a natureza das ações a que estava destinado colocava-o em um plano diferenciado e mesmo superior ao dos demais cavaleiros:

Ora é assi, que aquela enviada, que o padre enviou seu filho a terra por livrar o poboo, que ora é renovad(a). Ca assi como o eixeco e a follia emfugiu pella vinda delle e a verdade i ficou conhocidamente por elle, bem assi vos scolheu Nosso Senhor sobre todo-los outros cavalleiros por vos enviar pellas terras stranhas por desfazerdes as graves aventuras e por fazerdes conhocer como vierom e por qual guisa foram começadas. E por isto deve homem ensinar a vossa vinda a de Jesu Christo, quanto em semelhança, ca nom por alteza (*A Demanda do Santo Graal*: 40, 26-34).

Numerosos milagres e maravilhas por ele realizados e solucionados revelavam-no investido de uma evidente sacralidade que ele busca empregar, a exemplo de Jesus Cristo, para a salvação de almas e de corpos. Em numerosos episódios, a sua presença saneadora denuncia a presença de forças demoníacas e desencadeia um efeito purificador sobre o ambiente:

o encantador começou logo a arder asi como se fosse lenha seca e foi levado no ar tam alto que semelhava que chegava aas nuvees. E u o levavam asi os diaboos, começaram a dar vozes: “Ai Galaaz, mui Sancto cavaleiro, roga por mim, ca ainda eu acharia mercee se tu quisesses rogar por mim.” (*A Demanda do Santo Graal*: 270, 22-26).

A ele dirigem-se os que, à beira da morte, anseiam por descanso eterno:

E (Amador) disse outra vez (a) Galaaz: “Mui santa cousa e mui santo cavalleiro, roga por mim ao rei dos reis que haja mercê de tal pecador qual eu som, ca sei certas que, se o rogares, que averá de mim mercê e el m’a dará, ca el recebe o rogo do justo.” Tanto que esto disse, sai-lhe (a) alma do corpo (*A Demanda do Santo Graal*: 47, 1-5).

Proprietário de poderes taumátúrgicos, Galaaz exercia, também, seus poderes em curas milagrosas das doenças do corpo. Leprosos, paralíticos e feridos de toda ordem podiam esperar do bom cavaleiro uma solução eficaz para as suas mazelas. Para estas ações, ele usa como instrumentos os recursos do próprio corpo ou os acessórios a ele relacionados. No episódio da donzela leprosa, faz uso de uma estamenha que trazia rente à sua carne:

E el fez todo-los outros sair da camara e espio se entom e deu-lhe a estamenha e rogou-lhe por a fe que devia a Deus que o nom dissesse a ninguem [...] E ella lho outorgou. Desi ficou soo e vestiu a carom, ca se foi Galaaz para os cavaleiros. Mas de todo esto nom lhes disse nada, ca nom queria que lho soubesse nenhuu. E a donzella que vistira a estamenha ficou logo tam sãa como se nunca ouvesse mal. (*A Demanda do Santo Graal*: 281, 28-34).

Em outra ocasião, no episódio do paralítico do paço espiritual, em Sarras, sua ferramenta é a simples palavra:

Ante a porta jazia uu homem tolheito, e siia pidindo esmola aos que passavam, e quando avia dandar sofria-se en dous paaos. E dissilhi: “Homem, vem aca e ajuda-me a esta tavao e poê-la-emos en aquele paaço.” “Ai Senhor”, disse el, esto nom poso eu fazer, ca bem a X anos passados que nom pudi uu passo mover sem ajuda doutrem.” “Nem mim chal”, disse Galaaz. “Leva susu e nom ajas pavor, ca tu es são.” E Galaaz, esto dizendo, provou o homem se se podiria erguer, e achou-se são como se nunca ouvesse mal (*A Demanda do Santo Graal*: 425-426, 26-1)

Mas a sua ação suprema em taumaturgia está na prevista, e finalmente realizada, cura do bom rei paralítico:

Quando Galaaz ouviu o que el rei dizia, logo soube que aquel era rei Peleam de cujo mal todo o mundo avia doo. Ento[m] se foi dereita ment[e] a el, seu bacio nas mãos, e el rei juntou as mãos contra o bacio e descobriu sa[s] coixas e disse: “Vedes aqui o doooso colpe que o cavaleiro das duas espadas fez. Por este colpe aveo muito mal, pesa-me ende.” E sabede que a[s] chagas eram tam frescas como aquel dia que fora ferido. E Galaaz tornou o bacio sobre sas coixas u cuidou que nom avia ren, e ao entornar viu caer sobo-las coixas tres gotas de sangui, e tam toste lhe saiu o bacio dantre as mãos e foi-se contra o ceo, que não ouve

poder de o teer. [...] Rei Peleam foi logo são das sas chagas que tam longa mente lhi durarom. (*A Demanda do Santo Graal*: 406-407, 24-8)

Através dela, o cavaleiro sagrado do Graal supera todos os limites de realizações esperados de um herói de sua categoria. Este ato evidencia uma proximidade com o mundo do sagrado, que lhe capacita a realizar milagres e lhe permite ver além do permitido aos olhos mortais: “*Entom entrarom na camara e acharom o conde em grandes adovas e jazia mal treito a morte. E sabede que nom soube Galaaz sa fazenda per homem do mundo mas por vontade de nosso Senhor.*” (*A Demanda do Santo Graal*: 295, 23-26)

Beneficiário da graça divina, sua *sapientia* apoia-se em algo situado além da aprendizagem mundana:

E quando quiserom entrar catarom contra cima do bordo e virom letras que eram escriptas em caldeu que diziam ua palavra muito espantosa e de gram medo a todos aquelles que dentro entrar quisessesem. E sabede que nom soube Galaaz leer as letras, mas aquelle senhor que muito fremoso milagre e muitas fremosas virtudes avia feitas por elle, mostrou-lhe entom tam grande sinal damor que lhe fez logo saber caldeu. E leu as letras. (*A Demanda do Santo Graal*: 286, 16-22)

Sua capacidade visionária mostra-se incompatível com a própria vivência terrena à qual ainda se vê obrigado a suportar

E ele se chegou logo e catou o santo vaso. E pois ouve catado uu pouco começou a tremer mui fera mente tam toste que a mortal carne começou a veer as cousas spiritaes. E tendeu sas mãos logo contra o ceo e disse: “Senhor, a ti dou eu graça e a ti oro e a ti beego porque me fezesti tam gram mercee que eu vejo aberta mente o que lingoa mortal nom podiria dizer nem coraçom pensar. Aqui vejo eu o começo dos grandes ardimentos, aqui vejo eu a raçom das grandes maravilhas. E pois asi é, Senhor, que vos a mi compristes mia vontade de me leixardes veer o que eu sempre tanto desejei, oro vos rogo que en esta ora e en esta gram ledice en que son vos plaza que eu passe desta terreal vida e vaa aa celestial.” (*A Demanda do Santo Graal*: 427, 16-26).

Figura singular em meio ao rebanho difuso do ambiente laico, Galaaz é um ser privado de qualquer dimensão histórica. A representação estereotipada de sua vida concreta acabou por dissociá-lo do homem comum e aproximá-lo do ideal de santidade.

4.3. As práticas piedosas

A peregrinação heróica de Galaaz é a individualização de uma história mais ampla, a da própria cavalaria, chamada a subordinar a fugacidade da vida cortês e cavaleiresca a uma doutrina moral e religiosa propalada por eremitas e “*homens bons*”. Em sua prática cotidiana, os valores éticos e morais da cavalaria estavam submetidos aos princípios do ascetismo e da castidade monástica e os gestos cerimoniais da cavalaria nele se contrapunham aos ritos que acentuavam o sentido sobre-humano e cristão da busca. Perfeito modelo de piedade leiga, Galaaz abraçou a profissão penitencial dos *Miles Christi*. Inspirado por um profundo sentimento religioso, ele revela-se um herói, pelo menos potencialmente, alheio à condição terrena. Os seus conceitos de honra e de valores morais encontram-se supervalorizados e situados em um nível de exigência mais clerical

que propriamente cavaleiresco. Deus serve-lhe de guia: “*Nom podemos aportar*”, disse Galaaz, “*se nom u Deus quiser, ca el, que nos i guia e quer que i aportemos el nos ajudará em todo.*” (*A Demanda do Santo Graal*: 293, 6-8).

Cristo é seu arquétipo e seu companheiro de armas. Nas vitórias ou nos momentos de angústia, sua face está sempre voltada para o alto. Na vontade de Deus estava, para ele, toda possibilidade de superação das dificuldades: “*se deitou e jouve o mais da noite em prezes em geolhos e en covodos rogando a nosso Senhor com muitas lagrimas que ele por sa piedade o acoresse e o sacasse daquela presom, ca en outra guisa nom avia el por u sair*” (*A Demanda do Santo Graal*: 349, 8-21).

Mesmo em se tratando de disputas seculares, seu sucesso está na dependência de favores divinos: “*Se nos nom somos mais de tres, nosso Senhor, se lhe prove, será o quarto de nossa companha que mais nos valerá que C mil cavaleiros*”. (*A Demanda do Santo Graal*: 324, 1-3). Consciente da debilidade humana, considera-se sempre sujeito ao pecado e subordinado às determinações divinas:

tam toste que sintio dormir Tristam, (Galaaz) apartou-se uu pouco delle e ficou os geolhos em terra e começou a fazer sas orações e rogar ao nosso Senhor Deus que por sua piedade o guardasse e o mantivesse em taes obras que nom caesse em pecado mortal, que o guiasse se lhe aprouguesse em tal guisa que visse algua cousa das poridades do Santo Vaso, se é aventura que outogada seja a acaba-la cavaleiro pecador (*A Demanda do Santo Graal*: 255, 23-28).

A humildade condena-o a remeter sempre a Deus a explicação para suas vitórias:

“Mui santo cavaleiro, cata o bem que Deus me fez em tua vinda! Eu som guarida de aunto mal avia”. “Gradecê-o”, disse elle, “aquelle que vo-lo fez, ca eu não vo-lo fiz ca pecador som eu como outro homem e rogo-vos por a fe que devedes a aquel que vos tam fermosa mercee fez que nom descobrades este feito mentre eu aqui for, ca nom quero que estes cavaleiros que aqui som o saibam” (*A Demanda do Santo Graal*: 282, 3-8).

Ele sabe que a salvação de sua alma está condicionada a um estado permanente de confissão e arrependimento. Por isto procura sempre a companhia de clérigos e eremitas, para confessar-se e para manter-se bem informado em relação aos assuntos pios. Dotado de uma rígida formação cristã e de um destino que o diferenciava dos demais jovens da sua idade, Galaaz, uma vez feito cavaleiro, elege, como a primeira de suas companhias, não um escudeiro ou um companheiro de sua categoria, mas um eremita sob cuja orientação procura moldar o seu comportamento e a sua linguagem: “*Sem falha o irmitam andava sempre apoz elle, quando longe quando perto, e contava-lhe cada dia as vidas dos padres santos e as storias antigas.*” (*A Demanda do Santo Graal*: 34, 8-10)

Desde o início das aventuras, as suas palavras mais expressivas eram informadas pelos códigos de representações cristãs:

Aveo que entrou Gallaaz armado de loriga e de bravoneiras e d’elmo e de dous sobresinaes d’eixamete vermelho. E depos elle chegou o ermitam que lhe rogara que o leixasse andar com elle, e trazia uu manto e ua guarnacha d’eixamete vermelho em seu braço. Mas tanto vos digo que nom ouve no paaço que podesse entender por u Galaaz entrara, ca em sua vinda nom a briram a porta nem ouvirom abrir nem freesta. Mas do irmitam nom vos digo, ca o virom entrar pella porta grande. E Gallaaz,

tanto que foi no meo do paaço, disse assi que todos ouvirom: “Paz seja con vosco!” (A Demanda do Santo Graal: 10, 18-26).

Suas ações e seu comportamento estão pautados pela busca, quase monástica, de ascese espiritual. A oração é, para ele, um importante instrumento nesta luta pela salvação:

E pois lhe ouverom feito seu leito, e nom tal como os outros, matou as candeas, ca nom havia custume de se deitar ante que fezesse sa oraçom, e jouve o mais d[a] noite en prezes e fazendo oraçom a nosso Senhor que lhe fezesse fazer taes obras em aquela demanda que lhe fosse proveito a sua alma (*A Demanda do Santo Graal*: 339, 26-29).

Os princípios que o orientam nesta busca são os do ascetismo e os da castidade monástica. Jejuando, fazendo vigília, deitado sobre a terra ou sobre feixes de capim, Galaaz procura abster-se de todo luxo e de todo prazer mundanos:

Ali foi el entom servido e honrado mui mais do que el queria, e fezerom-lhe aquella noite tam bõo leito e tam rico como se fosse em casa de Rei Artur. E el se deitou i, mas tanto que se forom todos deitou-se em terra e depois nom tornou a aquel leito. E o mais da noute jouve orando e pregando a nosso Senhor que Deus lhe fezesse fazer taes obras que lhe prouguessem, e outro dia manhã foi ouvir missa de sancta Maria (*A Demanda do Santo Graal*: 277, 4-10).²

Os seus gestos mais importantes estavam calcados nos ritos sagrados do cristianismo. O caminho da ascese individual, era, para ele, aquele traçado pelas lágrimas, pela preces, pelas vigílias e pela participação nos mais importantes ritos da religião cristã e, particularmente, no rito da comunhão. Abraçado ao ideal de santidade ascética, Galaaz almejava tornar-se mártir. Como um asceta, passa os seus dias e as suas noites enfronhado em uma grossa estamenha. Martirizando-se no combate a si mesmo:

Entam (a donzela) se chegou a elle mais que ante e pos mão em elle mui passo pello spertar. Mas quando sentio a estamenha que o cavalleiro vestia, ca sem stamenha nunca elle era noite nem dia, ella foi tam spantada que disse logo: “Ai, cativa, que é esto que vejo, nom é elle cavalleiro dos cavalleiros andantes que dizem que som namorados, mas é daqueles que a sua vida e a sua lidice é sempre em penitencia, pela qual lhes vem gram bem para o outro mundo e perdoa Deos a aquellos que erro ouverom feito contra elle. E por nenhua rem”, disse ela, “nom posso eu acabar com elle o que querria . E como quer que este cavalleiro seja ledo para parecer, grande é o marteiro da sua carne, mas mostra bem que o seu coraçom pensa em al; e tal a minha carne mizquinha cativa hei quanto pensava. E este é dos verdadeiros cavalleiros da demanda do Santo Graal, e em mal ponto foi atam fremoso por mim.” (*A Demanda do Santo Graal*: 73, 9-21).

Galaaz segue o exemplo daqueles que, em busca de uma verdadeira integração física e espiritual, procuram abster-se de todo luxo e de todo prazer mundanos. Esta predisposição o orienta e o mantém alheio à prática, corrente entre os cavaleiros, da busca dos prazeres carnis.

A cabo de ua peça spertou-se Gallaaz e tornou-se contra a donzella. E quando a sentio, maravilhou-se e abrio os olhos. E quando vio que era donzella, spantou-se e foi sanhudo muito e feze-se afora della quanto lhe

o leito durou e sinou-se e disse: ‘Ai, donzella, quem vos enviou aca certas maos conselho vos deu, e eu cuidava que doutra natura erades vos. E rogo-vos por cortesia e por honra de vos que vos vaades daqui, ca certas o vosso fol pensar nom catarei eu, se Deos quiser, ca mais devo dultar perigoo da minha alma ca fazer vossa vontade (*A Demanda do Santo Graal*: 73, 23-30).

O mais puro dos cavaleiros da demanda se destaca no ápice de uma hierarquia de cavaleiros ascetas, que rejeita a busca de prazeres sexuais e se contrapõe aos padrões normais de comportamento da cavalaria cortês. Seguindo os caminhos traçados pelo seu excepcional destino, Galaaz elege a própria alma como a mais importante das suas preocupações: “*Deus nos guie*”, disse ele, “*a tal lugar u nossas almas possam seer salvas, e dos corpos nom me cal.*” (*A Demanda do Santo Graal*: 290, 15-16)

Na busca da salvação individual, ele esquivou-se das tentações terrenas e abraçou o ideal de ascetismo apregoado nas correntes monásticas que proliferavam no período. Exibindo uma religiosidade permanente, atribuiu à sua demanda um sentido definitivo de peregrinação e penitência. Ao contrário dos cavaleiros que abandonavam-se a aventuras particulares, destinara a sua vida cavaleiresca ao encontro com o Graal.

Primeiro entre os eleitos, Galaaz representava a integração mais perfeita entre o mundo espiritual e o temporal. As suas ações e as suas virtudes representam, neste contexto, a vitória do caráter ascético e do significado religioso e messiânico das aventuras do Graal. Por outro lado, a dimensão escatológica que os seus objetivos e as suas ações atribuem a estas aventuras sinalizam com a possibilidade de um termo para as próprias aventuras cavaleirescas.

Predestinado a protagonizar uma saga de cunho messiânico e salvacionista, Galaaz pôde participar de uma experiência mística ao alcance exclusivo daqueles homens dourados com a aura da santidade. As diversas maravilhas do reino de Logres, que a ele estava reservado o direito de revelar e dar solução, eram somente o preâmbulo da grande missão que as suas últimas aventuras cumpriam revelar: desvendar os caminhos da terra forânea e, chegar ao reino espiritual de Corberic.

E tanto andarom em tal guisa duas terras em outras que chegaram a Corberic. E onde Galaaz viu o castelo, conheceu-o e disse: “Ai Corberic, quanto vos andei buscando e quanto me trabalhei por vos achar e quanto andei noites e dias por veer as maravilhas que en vos a! Beeto seja Deus, que vos prougue de vos veermos polas grandes maravilhas e polas grandes aventuras onde aa sa mercee me livrou são e ledoo e a onra da cavalaria.” (*A Demanda do Santo Graal*: 403-404, 32-02)

Ali estava-lhe reservado o direito de usufruir do privilégio único de conhecer as maravilhas do Santo Graal, conforme fora insistentemente anunciado no decorrer da narrativa, e a visão destas maravilhas é, para ele, a mais importante prova de existência de uma realidade extra-corpórea e extra-temporal:

Aquela ora que nos vimos ua parte das maravilhas do Santo Graal que nos Deus mostrou por sa piedade, vi eu uas cousas maravilhosas ascondudas que nom som mostradas a todo homem. E vi taes cousas que língua nom poderia contar nem coração esmar. E meu coração foi en tam gram ledice e em tam gram sabor que, se entom morresse, nunca homem morrera em tam gram sabor de mim, ca eu vi tam gram conpanha dangeos e tantas cousas espiritaes que, se entom morresse, fora logo aa perduravel vida dos gl[or]iosos m[art]resados, verdadeiros amigos de nosso Senhor,

e por esto fazia eu o rogo que vos ouvistes. E pero ainda i ando en tal sazom que me oirá veendo as maravilhas do Santo Graal (*A Demanda do Santo Graal*: 424, 1-10).

O Graal revela-se, assim, o caminho do conhecimento das verdades espirituais, do mundo da luz e da eternidade, que ao herói cumpria divulgar. A sua anunciada vitória nos desvendamentos destas maravilhas é, portanto, a suprema confirmação de sua grandeza pessoal e da sua possibilidade de acesso ao reino celestial. Por isto, uma vez concluída a demanda, a morte torna-se, para ele, sua vontade última e suprema. Condição indispensável para a conquista da eternidade, Galaaz aceita-a como doação, como um saudável sacrifício, capaz de conduzi-lo ao caminho da “vida dalma e ledice perduravel”:

(Galaaz) tendeu sas mãos logo contra o ceo e disse: “Senhor, a ti dou eu graças e a ti oro e a ti beego porque me fezești tam gram mercee que eu vejo aberta mente o que lingoa mortal nom podiria dizer nem coraçom pensar. Aqui vejo eu o começo dos grandes ardimentos, aqui vejo eu a raçom das grandes maravilhas. E pois asi é, Senhor, que vos a mi conpriste mia vontade de me leixardes veer o que eu sempre desejei, ora vos rogo que en esta ora e en esta gram ledice en que son vos plaza que eu passe desta terreal vida e vaa aa celestial” (*A Demanda do Santo Graal*: 427, 18-26).

A sua morte é descrita como um movimento ritual de ascese espiritual:

Entom (Galaaz) se tornou ante a tavao e ficou seus geolhos. E nom esteve i se pouco nom, quando caeu en terra a alma se lhi s[a]iu do corpo, e levarom-na os angeos fazendo gram ledice e beezendo nosso Senhor. Tan toste que el foi morto, aveo ua gram maravilha, que Boorz e Persival virom que ua mão veo do ceo, mas nom virom o corpo cuja a mão era, e filhou o santo vaso e levou-o contra o ceo com tam gram canto e com tam gram ledice que nunca homem viu mais saborosa cousa douvir, asi que nunca ouve homem na terra que pois podesse dizer com verdade que nunca o i er virom (*A Demanda do Santo Graal*: 428, 1-10)

Através dela, realiza-se a transição para o ideal de um tempo sagrado, no qual estava garantida a eternidade de sua glória. Morte natural e desejada, esta revela, naquele que a procura, pleno conhecimento da realidade post-mortem e total confiança na vida eterna. deixa uma irremediável lacuna na sociedade temporal.

Quando Persival e Boorz virom que era morto Galaaz, ouverom ende tam gram pesar que nom poderiam maior, e se nom fossem tam bõos homens e de tam bõa vida como eram, caeram em desesperaçom, tanto ouverom gram pesar. O poboo da terra er foi en mui gram pesar por que era de mui bõa vida e porque lhis fora mui bõo rei e por que os mantevera en sa onrra e onrra da terra. (*A Demanda do Santo Graal*: 428, 10-15).

A ascese de Galaaz, na companhia do Santo Graal, projetou para um plano exclusivamente espiritual a possibilidade de realização do seu triunfo monárquico. Ao sobrepor o ideal cristão ao ideal humano e cortês, o príncipe do Graal escolhera abraçar a alternativa soterológica proposta pelo Santo Vaso, projetando-a, entretanto, em um plano extratemporal. Com a sua partida, verifica-se um processo acelerado de degradação material e moral da realidade temporal, da qual o reino de Logres era a mais perfeita

expressão. No reino de Artur, abre-se, então, uma era de desastres e perseguições que o colocam no caminho sem retorno da destruição.

Neste retrato final do mundo arturiano – no qual se inclui a narrativa da morte de Artur e do desaparecimento do seu reino – vemos consagrar-se uma representação do fim do mundo como forma de obtenção de um começo absoluto. Ao processo de degeneração do reino de Artur encontramos reafirmada a possibilidade de restauração de um mundo ideal, paradisíaco, para cuja realização Galaaz estava designado como protagonista. O conjunto dos atributos que lhe conferem este papel privilegiado estava assentado sobre o modelo monárquico de soberania que se formara entre os séculos XII e XIII, sob influência conjunta dos discursos clericais e aristocráticos sobre o poder.

Situado no vértice da *ordo* especial dos cavaleiros, Galaaz exerce, tal como os monarcas do Ocidente, uma ação ordenadora sobre o conjunto da sociedade. Mas, ao mesmo tempo, acena-lhe com a possibilidade de salvação e de realização de seus projetos utópicos, de restabelecimento de um tempo sagrado, de restauração de um universo paradisíaco capaz de atender integralmente todas as suas necessidades básicas.

II. PODER MONÁRQUICO E CULTURA ARISTOCRÁTICA NA IDADE MÉDIA PORTUGUESA

Embora com algumas particularidades e diferenças no ritmo de desenvolvimento, Portugal esteve integrado às transformações que, desde o final do século XI, afetaram o conjunto da Europa Ocidental. O norte da Península Ibérica, a exemplo do que ocorria no além-Pirinéus, também conheceu, desde o final do século XI, os sinais da expansão demográfica e econômica e estes fenômenos encontram-se aí intimamente relacionados às guerras de reconquista. Além do mais, as guerras ibéricas de reconquista traduzem um sentimento semelhante ao que havia estimulado as Cruzadas cristãs para o Oriente, embora, até o século XII pelo menos, esta assimilação entre ideal de cruzada e luta contra os mouros tenha ocorrido sempre de forma muito lenta. A partir daí, sob a influência política e cultural dos cluniacenses, o Ocidente Ibérico foi se integrando aos propósitos expansionistas da Cristandade Ocidental. Para os reis, o clero, as ordens militares, os nobres e guerreiros individuais, era chegado o momento de expulsar os mouros, libertar as terras e integrá-las às fronteiras da Cristandade.

A reconquista foi levada a termo como um movimento de repovoação, de restabelecimento de povos nas terras conquistadas e favoreceu a dispersão da autoridade em vários pequenos reinos, segundo os princípios feudais de concessão de poder. Neste contexto situa-se o processo de constituição e de definição das bases políticas e territoriais da monarquia portuguesa. As guerras de reconquista em Portugal, além do sentido militar, adquiriam pouco a pouco uma função e uma eficácia que se convertiam em favor do poder régio, às expensas das forças particularistas e da “*frágil e contraditória*” idéia de um Império Castelhana. Submetido ao Império espanhol pelos princípios de vassalagem, o nascente Estado português usufruía, entretanto, de uma relativa independência política, o que favorecia os princípios monárquicos de poder. No nascente Estado português, a Igreja, os barões e as milícias estrangeiras agiam sob a autoridade dos reis, submetidos aos seus interesses e aos seus planos de ação. Salienta Mattoso:

A guerra externa provoca a formação de forças unificadoras da maior importância. Confere uma posição ímpar ao rei e atribui-lhe uma função

militar de chefia suprema, que lhe permitirá, num segundo tempo, utilizá-la não só no exterior, mas também no interior do país. Permite a criação de uma ideologia política, na qual se tornam extremamente persuasores ou aglutinadores os elementos de identificação de base étnico-religiosa, acentuada pela confrontação com o inimigo de raça e de fé. Leva a uma íntima articulação desses elementos com a figura do chefe que organiza a defesa e conduz ao combate, que assume as derrotas e reivindica as vitórias (Mattoso 1988: 71).

Os soberanos portugueses foram buscar as justificativas morais e religiosas para esta guerra expansiva nos conselhos espirituais do pontificado romano, no momento sob o domínio espiritual do pensamento de Cluny. Da alta hierarquia católica, partiram as bênçãos, os discursos e as ações fundamentadoras do movimento expansionista. Aos olhos do papado, a Reconquista, expressão peninsular das guerras cruzadísticas, representava um meio legítimo de obtenção de bases territoriais para a expansão cristã.³

A exemplo do que acontecia no ocidente transpirenático, o papado, a Igreja secular, os monges e prelados guerreiros fizeram das guerras contra os muçulmanos um meio de luta eficaz pela garantia de sobrevivência material e pela ampliação do seu domínio espiritual sobre os homens:

[A Igreja] alentou corajosamente o ardor combativo dos cristãos, aos quais concedeu abundantes graças espirituais; cobriu com a sua proteção os Estados que se iam formando; exerceu uma ação efetiva de grande alcance, por intermédio dos seus membros mais categorizados, dos seus prelados, das suas ordens religiosas militares, permitiu que os cruzados, que à sua voz haviam partido para a palestina, unissem as suas forças aos exércitos peninsulares; fez-se ouvir, com resultados seguros, nas ocasiões mais críticas através de papas eminentes, como Urbano II e Inocêncio III, que conseguiram levantar o mundo cristão, mercê de suas ordens e de seus conselhos (Mattoso 1988: 81).

Na política expansionista da Igreja, os benefícios e a prosperidade adquiridos na guerra justificavam os métodos de “conversão” – entre eles a expulsão, a escravização e o aniquilamento da população conquistada. Para os membros do clero – e, nomeadamente, os membros das ordens militares-religiosas envolvidas diretamente nas guerras – interessava a manutenção e o reforço do ideal cruzadístico, implícito na Reconquista, de onde retiravam o seu poder e boa parte de sua riqueza.⁴

Proeminente na condução da guerra externa, a autoridade monárquica detinha o monopólio na atribuição de privilégios e propriedades. Nos séculos XII e XIII, como um reflexo deste reforço da autoridade real, decorrente da guerra expansiva, a realeza começou a ocupar uma posição de destaque na organização política e social do Estado e, não sem oposição ou dificuldades, procurou estender o seu controle sobre as comunidades rurais e urbanas que compunham o reino.

Até então a monarquia portuguesa mostrara-se relativamente conivente com o exercício dos poderes estatais por parte dos senhores, leigos e eclesiásticos, ou mesmo por parte dos concelhos. Cobrança de tributos, proteção militar das comunidades, exercício da justiça nos limites dos senhorios eram algumas das prerrogativas exercidas pelos demais detentores da soberania. Entretanto, ao final do século XIII e no século seguinte, alguns expedientes como repressão de imunidades e controle régio das concessões foram adotados como elementos de uma política de reforço do poder real

(nem sempre eficiente), que procurava combinar o cerceamento dos poderes regionais da nobreza com a sua cooptação aos benefícios do poder do Estado.

Ao findar o século XIII, mau grado as discórdias das classes, mal sujeitas a um cetro ainda vacilante, sente-se que a Nação está de pé. Fica povoada a costa de Norte a Sul e formado o gênero de vida nacional pelo comércio marítimo com base na agricultura. Os homens bons e a arraia-miúda dos conselhos, a peonagem, surgiam, ao lado do monarca, ao qual apoiam nas tentativas de unificar as classes, sob o império da mesma lei” (Cortesão 1978).

Atuando como mentora intelectual e mesmo como força armada suplementar nas guerras, a Igreja tornou-se, depois dos reis, a maior beneficiária do movimento expansivo. Em seu favor, depois de deduzidas áreas maiores ou menores, os reis redistribuíram o grosso das propriedades conquistadas. Especialmente às ordens militares-religiosas, braço armado nas guerras de reconquista, foram concedidas, a título de propriedade, importantes porções de terras férteis e produtivas.⁵

As clareiras demográficas, abertas pela guerra expansiva, suscitaram a transferência de homens dispostos a cultivá-las. Um amplo processo de arroteamentos acompanhou e seguiu a fixação dos limites portugueses. Verifica-se, então, o aparecimento de sintomas de um grande desenvolvimento agrário, realizado, entretanto, na dependência das vitórias militares e do crescimento quantitativo de um dos elementos básicos de produção: a terra.⁶

Com a integração dos novos núcleos populacionais, principalmente no sul muçulmano, observa-se também um grande surto e expansão da organização municipal, um expressivo incremento do comércio interno, um incremento da circulação monetária e uma expressiva abertura dos portos portugueses ao intercâmbio marítimo com o restante da Europa. Na ausência de uma atividade artesanal compatível com este princípio de mercado que começava a se generalizar, era a partir da agricultura que se estruturava, ainda, tanto o comércio interno como o tráfico com o estrangeiro. A população urbana intermediava as relações entre a produção agrícola e os canais de comércio interno e externo. A par e passo com o desenvolvimento da economia citadina, um novo fenômeno político de importância começa, então, a se esboçar: o nascimento dos concelhos.

Entre os séculos XII e XIII, as antigas vilas rústicas, que compunham o cenário urbano de Portugal, foram objetos de concessão de forais, mas a independência relativa alcançada pelas unidades concelhias estava, ali, em estreita correlação com o fortalecimento da autoridade monárquica e as organizações concelhias não lograram conseguir formas desenvolvidas, a exemplo do que ocorria no Ocidente transpirenático.⁷ Da parte da realeza, buscava-se, fundamentalmente, através da concessão de imunidades e privilégios que estes forais representavam, promover o povoamento das cidades e povoados, precisar o sistema de impostos (em favor dos poderes outorgantes) e a forma de administração da justiça.

Embora limitados no exercício do poder, pela presença real ou senhorial, os novos grupos dirigentes urbanos, puderam mais e mais utilizar-se da riqueza e do prestígio recentemente adquiridos para aproximarem-se da esfera central de poder. A prosperidade material e o tímido avanço político dos novos grupos urbanos, o crescimento territorial e a ampliação do domínio social do clero, assim como os progressos efetivos no sentido da centralização monárquica, que vieram no bojo das guerras de reconquista, atingiram de forma desagregadora a estabilidade econômica e social da nobreza laica.

Nas guerras de reconquista, os membros da aristocracia atuaram submetidos ao comando régio, muitas vezes mediante remuneração, e tendo que contar com a concorrência de outras categorias sociais. Tais fatos imprimiram uma certa especificidade às lutas cruzadísticas em Portugal e um caráter particular à nobreza portuguesa em relação ao restante do Ocidente. A nobreza portuguesa dividia o campo de batalha, por um lado, com os prelados armados e, por outro lado, com a categoria dos cavaleiros vilãos (muitos suficientemente abastados para possuírem cavalos e armas), e mesmo com alguns peões que prestavam serviço militar obrigatório.⁸

Conseqüentemente, a assimilação entre a aristocracia e a profissão de guerra ocorreu em Portugal com relativo atraso, não antes do século XIII. Só a partir daí, ameaçada pelo agravamento das dificuldades financeiras e pelas transformações no âmbito das relações políticas, é que a nobreza senhorial, ainda muito lentamente, foi tornando-se receptiva aos ideais de cavalaria e moldando-se a eles. Data desta época, o uso, em Portugal, da palavra *miles* para se referir ao nobre.

A partir deste momento, a aristocracia portuguesa buscou, com o apoio do poder régio, proteger as insígnias e os hábitos cavaleirescos e reservar para si, com exclusividade, o privilégio de pertencer à ordem dos *bellatores*. Procurando preservar seus privilégios econômicos, jurídicos e políticos, elaborou, então, um código nobiliárquico e fechou-se em casta: a hereditariedade prática transformou-se em hereditariedade jurídica.

Ainda que de alcance limitado no plano da realidade social, os avanços desta cavalaria-nobreza refletiram de forma positiva no plano das idealizações, das realizações culturais, das manifestações artísticas e, mesmo, doutrinárias. Como as similares da Europa transpirenaica, a nobreza portuguesa expressou seus arroubos, ainda que infrutíferos, de autonomia cultural, pela afirmação de uma literatura laica nacional, cujos vestígios podem ser encontrados nos cancioneros portugueses compilados entre os séculos XIII e XIV.⁹

Produzidos sob o patrocínio desta aristocracia e para o consumo das cortes aristocráticas, os cancioneros portugueses reproduziam a voga de uma literatura jogralesca de caráter lírico, na qual se misturavam um fundo tradicional de cultura às contribuições do lirismo provençal, cuja fórmula literária os trovadores portugueses conhecia das cortes de Aragão, Leão e Castela. Transpostas para o galego-português, os cantares de amor e de amigo, as cantigas de escárnio e maldizer e os poemas de louvação à Virgem contribuíram para a difusão e aperfeiçoamento daquela que viria a ser a língua nacional do nascente Estado português.

As cortes nobiliárquicas, e destacadamente as cortes reais, iam se transformando em focos intensos de cultura, para onde afluíam jograis e trovadores das mais diversas nacionalidades.¹⁰ A elite portuguesa procurou alargar seus horizontes por meio do contato com indivíduos oriundos dos círculos eruditos de produção cultural - sacerdotes, frades e simples tonsurados, que atuavam nas cortes como professores e escritores. Acentuou-se, ali, o gosto pelos livros. Prova-o a construção de bibliotecas de propriedade do laicado. Como salienta Marques, “*Não apenas se versejava e se animavam os saraus com narrativas em prosa, mas ainda se iniciou um fecundo movimento de aquisição, feitura e cópia de livros. No século seguinte o movimento prosseguiu e acelerou-se*” (Marques 1987: 180).

Sob Afonso III um movimento fecundo de produção cultural tomou conta dos círculos aristocráticos. Foi o próprio Afonso III e seus vassallos, que com ele regressaram da França, que introduziram em Portugal os hábitos culturais nobiliárquicos de além-

Pirinéus. Ao lado da poesia – que constituía o grosso da produção cultural das cortes aristocráticas – as novelas de cavalaria, as crônicas e a literatura de exaltação religiosa e moralista, acabaram por constituir-se em moda no seio da elite. Na ausência de uma tradição épica nacional autêntica, pelo menos até o século XIV, quando se registra a composição do *Amadis de Gaula*, a nobreza portuguesa foi buscar na cavalaria arturiana os seus modelos nobiliárquicos de heroísmo.

Mas as fontes utilizadas para a difusão da novelística bretã em território português eram resultantes das profundas modificações, quanto à forma e ao conteúdo, que afetaram a literatura de cavalaria na primeira metade do século XIII. Os temas e padrões de representação heróica, trazidos à moda pelos grandes ciclos em prosa desde o início do século, eram elucidativos de um envolvimento crescente da nobreza europeia com a teia de valores e princípios religiosos que a Igreja esforçava-se por universalizar. Em sua forma prosificada, as aventuras da literatura bretã, transplantadas pelo próprio Afonso III e sua companhia, foram objeto de grande aceitação no seio da nobreza portuguesa. À época da dinastia de Avis, segundo nos informa Teófilo Braga, a temática arturiana ocupava já um espaço significativo nas bibliotecas e nos meios aristocráticos e exerceram forte influência sobre a vida palaciana. É neste contexto que se insere o aparecimento da *Demanda do Santo Graal*, tradução para o galego-português do texto da *Queste del Saint Graal* francesa e do seu apêndice, a *Mort Artur*. No texto português, entrelaçado com outras formas de atuação cavaleiresca, o modelo heróico de Galaaz, exemplo de perfeição, tem o valor universal da justiça e a busca de salvação como os mais importantes princípios orientadores de sua existência. A partir deste modelo, os mais importantes representantes da categoria social dos guerreiros - os reis - deveriam moldar o seu comportamento e os seus objetivos. Sobre as suas virtudes, suas atitudes e objetivos, muitos monarcas portugueses dos últimos séculos da Idade Média, com o decisivo contributo de seus biógrafos e cronistas, irão forjar modelos de comportamento e atuação monárquicos pautados por uma perspectiva messiânica e salvacionista.

FONTE

A Demanda do Santo Graal. Ed. de Joseph-Marie Piel. Concluída por Irene Freire Nunes. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, L. V. de. *A formação de Portugal*. Funchal: Esperança, 1938
- CORTESÃO, J. *Os fatores democráticos na formação de Portugal*. Lisboa: Livraria Horizonte, 1978.
- MARQUES, A.H.O. *A sociedade medieval portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1987
- _____. *História de Portugal*. Lisboa: Palas, 1983
- MATOSO, A. G. *História de Portugal*. Lisboa: Sá da Costa, 1939.
- MATTOSO, J. *Identificação de um país*. Lisboa: Estampa, 1988. v 1.
- MEGALE, H. *O Jogo dos Anteparos: a estrutura ideológica e a construção da narrativa*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP/FFLCH, 1980.

NOTAS

¹ Sobre a relação entre a ascense do Graal e a desagregação do reino arturiano, ver Megale (1980).

² Uma mudança de postura, porém justificável, verifica-se diante do rico leito da nave de Salomão, que a ele, como cavaleiro eleito, estava destinado.

³ “A Formação do Estado Português tem a sua origem em fatos intimamente ligados à política europeia dominante. A cruzada no ocidente, que atraiu à península príncipes de França, não é fenômeno isolado dos interesses e da ação religiosa que não podia dispensar a colaboração da força dos Estados. E assim a Igreja e os Estados preparavam as expedições e a influência a exercer de íntimo e comum acordo” (Castro 1938: 13).

⁴ A criação na Espanha de ordens religiosas e militares com os mesmos fins das criadas na palestina, ou simplesmente a introdução na Península daquelas já existentes, contribuiu para fortalecer o ideal e os objetivos da cruzada [...]. Em Portugal os templários e os hospitalários apareceram entre 1129 e 1130. Seguiram-se-lhes as ordens de Calatrava e Santiago (ambas em 1170). Todas tinham uma tarefa clara a cumprir: expulsar os mouros, libertar as terras para Cristo.” (Marques 1983: 130)

⁵ Graças às doações reais, e às realizadas por particulares, a propriedade eclesiástica, em território português, não cessava de crescer. Assim como as ordens religioso-militares, “as ordens não militares e a Igreja secular foram também contempladas: os cistercienses, por exemplo, receberam enormes doações [...] O mesmo aconteceu quanto aos cônegos regantes de Santo Agostinho [...] Os franciscanos, os dominicanos, as sés de cada cidade e outros ainda obtiveram extensos quinhões dentro e fora dos povoados” (Marques 1983: 144). Isto explica o importante papel desempenhado pela Igreja, através das suas diversas correntes, no povoamento e desenvolvimento agrário de Portugal e, principalmente, do sul muçulmano: “Muitas ordens monásticas exerceram influência benéfica no povoamento do país, já atraindo moradores aos lugares em que fixavam os seus conventos... promovendo o arroteamento dos campos, ou ensinando processos de cultura agrícola” (Matoso 1939: 99)

⁶ Ao lado dos reis, portanto, os mosteiros deram uma importante parcela de contribuição no povoamento e desenvolvimento agrícola do país. “tanto reis como clero promoveram a vinda de novos povoadores por todos os meios de dispunham: promessas de segurança e de privilégios, concessão ou reconhecimento de governo próprio, isenção ou redução tributária, liberdade de servidão e de perseguições da justiça, chamamento de estrangeiros, etc.” (Marques 1939: 139)

⁷ “Não se confundam forais com cartas comunais. Os forais não criavam comunas, cujo princípio de governo coletivo estava muito distante da tradição ibérica. Aceitava-se formas de autogoverno, mas só até determinados limites. Com frequência, todos os magistrados tinham de receber confirmação por parte do senhor da cidade, geralmente o rei. A auto-administração ficava grandemente reduzida pelo sistema rígido de impostos e pela limitada esfera de justiça local. O rei tinha o direito de intervir frequentemente. Poucas tentativas se fizeram para conseguir graus mais evoluídos de governo próprio, a que se opunham a tradição islâmica e as condições de vida de Portugal de então, onde havia a necessidade premente de um forte comando central.” (Marques 1939: 145)

⁸ Estas circunstâncias excluía, daquela clássica imagem da sociedade trifuncional, o nascente estado português... “onde o combate a cavalo, nos campos na Reconquista, era tantas vezes feito por não nobres, e onde estava intimamente unido à pilhagem, ao saque, ao cativo de escravos, ao comércio de objectos de luxo, de armas e de cavalos roubados e depois vendidos, ao resgate de homens e mulheres presos no campo adverso, ao incêndio das searas, aos tributos e às “parias” exigidas para suspender uma expedição ou um fossado, enfim, a uma actividade que não exigia necessariamente a espada e a armadura de ferro, antes requeria astúcia, disfarce, surpresa.” (Mattoso 1988: 126).

⁹ “A grande época da cultura trovadoresca foi o século entre 1250 e 1350, mas a existência de composições muito anteriores sugere um longo período de incubação que pode recuar ao século XII ou até anteriormente” (Marques 1939).

¹⁰ “Nota-se um ambiente cosmopolita na elite portuguesa, em que autores galegos, leoneses e castelhanos concorrem com os naturais do país” (Marques 1939)